
O BOCA DO INFERNO E A CRISE DO SÉCULO XVII

THE BOCA DO INFERNO AND THE SEVENTEENTH' CRISIS

Cintia Gonçalves Gomes

Mestranda em História pela UNESP. Bolsista do CNPq

Email: cintiagoncalves@hotmail.com

RESUMO: Considerando a importância das obras do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1695) o objetivo deste artigo, diferentemente dos outros trabalhos já realizados sobre o autor, é analisar os escritos do poeta baiano e sua relação com a crise açucareira que se desenrolou durante o século XVII afetando tanto a metrópole quanto a colônia. Descendente de família rica, o autor vivenciou a crise de perto e, por isso, foi ao mesmo tempo participante e expectador privilegiado desta, resultando nas várias críticas feitas em seus poemas.

PALAVRAS CHAVE: Crise açucareira. Gregório de Matos. Século XVII.

ABSTRACT: Considering the importance of the works of the Baroque poet Gregorio de Matos (1636-1695), the purpose of this article, unlike the other work already done on the author, is to analyze the writings of the baiano poet and its relation to the “sugar crisis” that unfolded during the seventeenth century affecting both the metropolis as a colony. Descended from a wealthy family, the author experienced the crisis closely and therefore was a privileged both participant and spectator of the crisis, resulting in various criticisms in his poems.

KEY WORDS: “Sugar crisis”. Gregório de Matos. Seventeenth Century.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar um período de suma importância para a história de Portugal e do Brasil, a segunda metade do século XVII, momento no qual Portugal se tornou independente da Espanha (PIRES, 2009, p. 337) com o fim da União Ibérica em 1640, e que passou por uma grave crise econômica que repercutiu diretamente no Brasil e nas demais colônias. Para tanto, tomaremos por base as obras de um contemporâneo dessa crise, o poeta baiano Gregório de Matos (1636-1695) e maneira pela qual ele a encarou e sua repercussão, social e econômica, na sociedade baiana da segunda metade do século XVII.

Existem vários estudos que o abordam, tomando como fonte suas obras, ora completas, ora fragmentos, e a própria biografia do autor; entretanto, suas preocupações se limitam ao tipo e à forma de escrita do autor, ao período literário que ele corresponde ou mesmo sobre sua importância na história da literatura brasileira. Por causa dessas preocupações, esses autores que o estudam podem ser divididos em dois blocos distintos: os que acusam e atacam Gregório de Matos, dizendo que seus poemas são traduções, plágios de

autores que o influenciaram, como Gôngora e Quevedo; e os que o defendem, apontando que apesar dos procedimentos técnicos afetarem de certa forma a autoria dos poemas do autor, eles caracterizam Gregório de Matos como original e individual em suas sátiras e a questão da imitação é apontada como uma das características do Barroco (estilo literário da época em que escreveu seus poemas), além da questão de como as obras chegaram até nós também ser trabalhada, pois o autor não publicou nenhum de seus poemas em vida.

Diante do exposto pode-se notar que apesar de termos hoje estudos sobre as obras de Gregório de Matos, eles se limitam à autenticidade de suas obras, as suas formas de escrita, ora o defendendo, ora o atacando. Mas, não encontramos nenhum estudo que analise Gregório de Matos na crise e a crise em Gregório de Matos. E é neste ponto que este trabalho vai se deter, pois se acredita que o autor estava inserido num contexto importante da história de Portugal e suas colônias. Esse contexto, por si só, não explica Gregório de Matos, mas sim a maneira como ele se colocou neste contexto é o que o explica. Assim, é essencial que compreendamos como a crise se processou e como repercutiu sobre a sociedade e a economia baiana.

A CRISE E GREGÓRIO DE MATOS

No ano de 1640 teve fim a União Ibérica, aspecto que marcou a história portuguesa do século XVII. A União Ibérica acarretou uma série de problemas a Portugal, dos quais se pode apontar os ataques dos países europeus ao seu território colonial como, por exemplo, a Holanda (PENNINGTON, 1993, pp. 306-346) e com isso, a perda do monopólio do comércio com o oriente, uma das mais importantes fontes de riquezas do Estado Português (BOXER, 2002, pp. 121-125). E, diante disso, a economia portuguesa ficou praticamente circunscrita ao comércio com o ocidente, ou seja, ao comércio de açúcar e ao tráfico de escravos (PRADO JUNIOR, 1972, p. 31).

Com o fim da União Ibérica, Portugal encontrava-se inserido em um processo complicado, com muitas dívidas, e, dentre as medidas que tomou para se reestruturar encontra-se a criação, em 1642, do Conselho Ultramarino, que tinha como objetivo a uniformização da administração do império português (CAETANO, 1967, pp. 40-43). Mas, por outro lado, manteve a política anterior, ou seja, não houve preocupação em industrializar-se, diferentemente do que ocorreu com a Inglaterra no mesmo período. Além do que em Portugal não havia também uma agricultura desenvolvida, o que levou o mesmo a se voltar

em grande parte para o comércio com suas colônias americanas e africanas tornando-se, dessa forma, dependente economicamente delas.

Além destas preocupações, Portugal tinha que legitimar sua independência diante da Espanha, que tentava de várias maneiras reconquistá-lo. Dessa forma, Portugal buscou meios para enfrentar estes problemas. A solução que Portugal encontrou foi realizar acordos com a França, Inglaterra e Holanda, na luta contra Espanha, mas não sem que ocorressem perdas para Portugal (AZEVEDO, 1947, pp. 386-387).

Com a Inglaterra foram celebrados acordos entre 1642 e 1661 que garantiram o auxílio militar em relação à Espanha (ALMEIDA, 1926, p. 185; pp. 215-216), enquanto com a Holanda, em 1641, além do acordo militar no qual os dois países organizariam uma frota conjunta para atacarem a Espanha, ficou estabelecida uma trégua de dez anos entre Portugal e Holanda (AZEVEDO, 1947, pp. 387-388).

Mesmo com os acordos, as dificuldades econômicas continuavam em Portugal. Assim, a metrópole carecia de recursos para ativar o comércio com o Brasil – espaço colonial que ainda poderia lhe trazer benefícios, tanto no comércio do açúcar como na esperança de encontrar ouro, assim como atender as solicitações de melhor abastecimento feitas pelos colonos.

A solução que Portugal encontrou para o impasse econômico foi a criação das companhias de comércio, de acordo com as práticas mercantilistas, comuns na Europa do século XVII. Em 1649, criou-se a Companhia Geral do Comércio do Brasil com capital obtido principalmente de cristãos-novos. Essa Companhia deveria manter um comboio de navios armados para escoltarem navios que saíam e chegavam ao Brasil e, em troca, tinham o monopólio das importações de vinho, farinha, azeite de oliva e bacalhau na colônia, e do direito de estabelecer os preços para esses artigos. Poderia, além disso, taxar os produtos transportados para Portugal (SCHWARTZ, 1995, p. 166). E, finalmente, em 1668, depois de acirrada guerra com a Espanha e auxiliado pelos acordos, Portugal conseguiu a completa independência da Espanha (ALMEIDA, 1926, p. 234).

Em 1654, produtores de açúcar com dificuldades em comercializar seus produtos, com falta de mão-de-obra, pesados impostos e dívidas para pagar, expulsaram os holandeses do Nordeste, tomando de volta para Portugal o domínio sobre o açúcar do Brasil, que passava por dificuldades e já não produzia como antes, pois, “durante a ocupação holandesa, a Bahia superou Pernambuco, tornando-se a principal produtora do Brasil, posição essa que manteria nos 150 anos seguintes” (SCHWARTZ, 1992, p. 158). Essa situação complicada de

Pernambuco é ilustrada por Ferlini, através de uma consulta do Conselho Ultramarino datada de 1662 que mostrava:

O miserável estado em que se acham aqueles povos pela razão das guerras seguidas e sustento dos presídios, que se tem tomado para contribuir com os donativos. [...] Os colonos não conseguiam, “por maiores diligências que se façam”, satisfazer pontualmente o fisco português (FERLINI, 1988, p. 74).

Mesmo com estes problemas, a indústria açucareira, com todos os seus tributos, ainda era a principal fonte de riqueza, como Stuart Schwartz nos deixa claro ao falar da situação do Recôncavo Baiano em 1690:

O Recôncavo era o centro econômico da Bahia. Ao longo dos rios e nas margens norte e oeste dos extremos da baía, fundaram-se várias fazendas de cana. Em 1690, havia mais de cem engenhos no Recôncavo e a população já ultrapassava a marca dos 35 mil habitantes, dos quais cerca de 20 mil eram escravos. As terras ao sul destinavam-se basicamente à produção de gêneros de subsistência e ao fornecimento de madeira e lenha para os engenhos (SCHWARTZ, 2002, p. 19).

A situação descrita acima se estendeu até a descoberta do ouro no Brasil, por volta de 1690, quando se iniciou, por consequência, a corrida do ouro. Além disso, os holandeses apoiaram colonos ingleses e franceses na organização de uma produção açucareira concorrente à brasileira.

Após a expulsão dos holandeses do Nordeste brasileiro, estes foram para as Antilhas, onde aplicaram todo o seu capital e experiência tornando-se fortes concorrentes do Brasil no comércio europeu. Entretanto, não foi somente isso que ocorreu. Por causa da produção do açúcar nas Antilhas, aumentou a necessidade de mão-de-obra, o que fez com que o preço do escravo subisse tanto na África quanto no Brasil. Outro fator importante foi que, apesar do Brasil continuar tendo potencialidade de produzir açúcar, com a produção das Antilhas este acabou perdendo o poder central de comercializar o produto, mas o problema dos senhores de engenho do Brasil não ocorreu só pela entrada das Antilhas na produção de açúcar. Problemas na Europa como as guerras que envolveram quase todo o continente assim como problemas na produção de produtos básicos que, segundo Ferlini:

O problema não esteve ligado diretamente à concorrência antilhana, mas à própria reestruturação dos mecanismos de mercado durante o século XVII. A própria produção antilhana incrementava-se e abastecia os mercados metropolitanos, mas, durante muito tempo, o açúcar do Brasil, de melhor qualidade, manteria seus consumidores, o que fez sentir principalmente a

partir de 1670, foi o declínio inexorável dos preços (FERLINI, 1988, pp. 70-71).

O acordo militar estabelecido entre Portugal e Holanda em 1641 não foi plenamente cumprido e, em 1661, foi assinado um segundo entre Portugal e Holanda, em que os holandeses, em compensação pelo reconhecimento da soberania portuguesa do nordeste brasileiro, exigiram o pagamento de uma indenização (FERLINI, 1988, p. 73). Mas as perdas não param por aí, com o casamento entre a princesa Catarina de Bragança e Carlos II da Inglaterra, Bombaim foi cedida à Inglaterra como dote (AZEVEDO, 1942, p. 392).

Mas não foram só estes problemas que a colônia portuguesa enfrentou após a expulsão dos holandeses, calamidades naturais também assolaram a colônia, como por exemplo, epidemias, períodos de secas e inundações.

É diante deste contexto que Gregório de Matos escreveu suas obras, com o olhar de uma burguesia em crise, que viveu conjuntamente os efeitos das transformações ocorridas e perdendo, como tantas outras famílias, o sustento irrestrito que tivera nas primeiras décadas do século. Seu texto não respeita escalões nem padrões sociais, explicitando o que ocorreu na sociedade baiana na segunda metade do século XVII; um período de depressão, crise, angústia, desconfiança, vacilações e temores. Gregório satirizou e, ao mesmo tempo, revelou uma angústia dele e da sociedade como todo (SALLES, 1975, p. 138).

Gregório de Matos viveu no Recôncavo baiano entre os inícios dos anos 80 e 1696, momento mais agudo da crise que se abateu sobre a economia açucareira brasileira, após a expulsão dos holandeses do Brasil em 1654 e a conseqüente organização, ajudada pelos próprios holandeses, de uma produção açucareira nas Antilhas inglesas e francesas concorrente da brasileira (FURTADO, 1982, pp. 16-18), como fica bem explícito em Ferlini:

O ponto mais crítico, porém, da lavoura açucareira situou-se entre 1670 e 1690. Tomando-se o preço do açúcar branco em 1669 como índice 100, a partir de 1674 os preços deterioraram-se rapidamente, atingindo índice 55 em 1690, ou seja, em 15 anos, uma queda de 45%. [...] A década de 1680 representou, para Portugal e suas colônias, o ponto mais baixo da depressão econômica. Somavam-se a época, o estancamento do crescimento da população mundial, a escassez e a rarefação do numerário. Em Portugal, tentavam-se medidas de incremento industrial. Na colônia incentivava-se a busca de metais preciosos. E mesmo a produção de tabaco que procurava incrementar para o resgate de negros passava por problemas (FERLINI, 1988, p. 77-79).

Os poemas de Gregório de Matos, principalmente os satíricos, deixam entrever o impacto provocado pela crise e, ao mesmo tempo, mostram como o autor reagiu a ela e aos seus desdobramentos, pois, segundo Pereira:

[...] a sátira é um estilo literário que ridiculariza as pretensões humanas ou expõe os males sociais e foi cultuada pelos poetas romanos Juvenal e Horácio, tornando-se popular na Europa dos séculos XVII e XVIII. É perceptível que seu efeito tanto dependia do intelecto quanto das emoções de quem as escrevia para serem eficazes. Valendo-se dessa técnica, Gregório de Matos denuncia, de forma veemente, acontecimentos da época que iam desde a maledicência de uma senhora aos vitupérios que envolviam as classes políticas e a igreja (PEREIRA, 2007, s. p.).

Nossa intenção é, portanto, considerar a obra satírica deste poeta tentando captar a influência que a crise exerceu sobre a obra do poeta baiano e a maneira como reagiu diante dela. Entretanto, para retratarmos as obras satíricas de Gregório de Matos não podemos deixar de lado a questão da sátira e sua relação com a natureza psicológica, pois, segundo Jerusa Helena Furtado Rodrigues e Dionísio Pedro da Silveira, em seu artigo “Sarcasmo em Gregório de Matos e Guerra”:

[...] a sátira é a arma de denúncia, de crítica a valores e comportamentos prescritos pela sociedade, que se busca derrubar, no intuito do estabelecimento de uma nova ordem. Melhor dizendo, a sátira põe a nu o ser humano, revelando-lhe os defeitos, às custas do riso. Vê-se, pois, que se trata de um estratagema que pode ir além de uma simples crítica, quando visa à correção de nossos desvios, constituindo-se, portanto, num instrumento de denúncia e de busca de transformação social (s. p.).

Gregório de Matos retornou ao Brasil com aproximadamente quarenta e quatro anos, em plena crise açucareira. Isto significa que chegou ao Brasil amadurecido, com opiniões consolidadas e com seu modo de encarar a sociedade já constituído, trazendo de Portugal, portanto, ideias já formadas.

No Brasil, diante de uma situação crítica, colocou sua verve para fazer sua sátira, valendo-se de temas fornecidos pela crise: o preço do açúcar, a reação dos cameramistas diante delas, a onzena (usura), etc. Diante disso, sua biografia é importante para compreender o modo como a crise repercutiu sobre sua sátira e, ao mesmo tempo, como sua sátira pode nos explicar seu modo de conceber a sociedade.

Nascido em Salvador, de uma família abastada (alguns biógrafos afirmam ser de senhores de engenho, outros de empreiteiros de obras e funcionários administrativos) (RABELO, 1969, p. 1690), Gregório de Matos Guerra começou seus estudos, em 1642, no

Colégio dos Jesuítas da Bahia, estudando Humanidades. Em 1650, com 14 anos, foi para Portugal, onde continuou seus estudos, ingressando na Universidade de Coimbra em 1652 (PERES, 2004, p. 51). Formou-se em Cânones, em 1661 (SPINA, 1995, p. 18). Em 1663, foi nomeado juiz de fora de Alcácer do Sal (Alentejo). Há quem afirme que, durante muitos anos, foi juiz do Cível, de Crime e de Órfãos em Lisboa (SPINA, 1995, p. 20). Em 1668, foi indicado para representar a Bahia nas cortes de Lisboa. Anos mais tarde, em 1672, o Senado da Câmara da Bahia outorgou-lhe o cargo de procurador junto à administração lisboeta, voltando, em 1674, a ser nomeado representante da Bahia nas cortes. Mas, foi destituído do cargo de procurador (PERES, 2004, p. 66). Em 1679, foi nomeado Desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia. Um ano depois de ter tomado ordens menores, foi nomeado, em 1682, tesoureiro-mor da Sé por D. Pedro II, rei de Portugal.

Durante sua permanência na Corte portuguesa envolveu-se na vida literária, seguindo as influências espanholas de Gôngora e Quevedo (SPINA, 1995, p. 30) e, segundo Hopefaith, também de Camões.

Gregório de Matos enviuvou e caiu em desgraça junto ao rei, provavelmente por intriga de alguém ridicularizado em um dos seus poemas, segundo alguns biógrafos.

Retornou ao Recôncavo Baiano, não se sabe ao certo se em 1681 ou 1683, e foi nomeado para funções na burocracia eclesiástica da Sé da Bahia (RABELO, 1969, p. 1699), mas ficou pouco tempo no cargo, sendo destituído pelo novo arcebispo, frei João da Madre de Deus, em 1683, por não querer usar batina e nem aceitar a imposição das ordens maiores, de maneira a estar apto para as funções de que o tinham incumbido. Este parece ser o acontecimento que marcou uma reviravolta em sua vida, passando a satirizar os costumes das diferentes camadas sociais baianas (RABELO, 1969, p. 1702).

Havia se casado com Maria dos Povos, a quem dedicou um dos seus mais famosos sonetos. Vendeu as terras que havia recebido de herança e, segundo consta, teria guardado o dinheiro num saco no canto da casa, gastando-o à vontade e sem fazer economia. Passou, também, a exercer a advocacia, escrevendo as argumentações judiciais em versos (RABELO, 1969, p. 1703).

Mas, a certa altura, resolveu abandonar tudo e sair pelo Recôncavo como cantador itinerante, convivendo com o povo, frequentando as festas populares e banquetando onde era convidado (RABELO, 1969, p. 1707). Nesse período, seus poemas satíricos e erótico-obscenos se avolumam, recebendo, por isso mesmo, o apelido de Boca do Inferno.

Em 1685, é denunciado pelo promotor eclesiástico da Bahia por seus costumes ao tribunal da Inquisição. Entretanto, a acusação não teve prosseguimento. Em 1694, tendo

recebido várias acusações, principalmente por parte do Governador Antônio Luis Gonçalves da Câmara Coutinho e correndo o risco de ser assassinado, foi despachado para Angola (PERES, 2004, p. 118).

Como recompensa pela ajuda que deu ao governo local no combate a uma conspiração militar, Gregório de Matos recebeu, em 1695, a permissão de voltar ao Brasil, sob duas condições: não fazer sátiras e não estabelecer-se na Bahia. Em função disso foi para Recife, onde morreu em 1696, aos 59 anos de idade, de uma febre que havia contraído em Angola (RABELO, 1969, p. 1716).

ANÁLISE DE ALGUNS POEMAS

Muito provavelmente, o soneto mais famoso – mas não o único importante – de Gregório de Matos relativo à crise que se abateu sobre a economia açucareira, afetando, por isso, a sociedade seiscentista da Bahia seja “Triste Bahia”¹. Nele, o autor compara a situação em que se encontrava a Bahia com a sua. Relata que ambos, cidade e poeta, se encontram em situação distinta do antigo estado ou situação. Rica antigamente, a Bahia encontrava-se pobre. Abundante, antigamente, Gregório de Matos achava-se empenhado. O motivo era a máquina mercante – o comércio, que havia empobrecido a Bahia e os negócios e os negociantes, que o haviam empobrecido também, a ponto de encontrar-se empenhado:

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sangaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote! (MATTOS, 1933, p. 45).

¹ De acordo com Calmon, “No código *Obras Várias*, da Torre do Tombo (L. 107, fls. 224, proveniente do Convento de S. Camilo, Lisboa), o soneto, anônimo, tem epigrafe que falta à coletânea de Gregório: ‘À Cidade da Bahia, quando vieram taxados os preços do açúcar’” (CALMON, 1949, p. 21, nota 6).

É a maneira como reage diante da crise açucareira que faz Gregório de Matos afirmar que a Bahia trocava o excelente açúcar por drogas inúteis. Mais do que isto, deseja a ela uma situação nova, de simplicidade, a ponto de usar um capote de algodão.

Assim, como podemos verificar, a crise açucareira atinge de cheio sua obra, fazendo com que ele examine a sociedade baiana de uma perspectiva nova.

Mas os trabalhos que denunciam as mudanças acarretadas por esta crise na sociedade colonial não param por aí, temos o soneto “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”:

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E pódem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquiza, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar á praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas uzinas nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis a cidade da Bahia (MATOS, 1933, p. 61).

Neste soneto, Gregório de Matos vai narrar em que pé andava a política baiana e, diferentemente do anterior, onde ele se identifica com a cidade da Bahia, o autor colocou em evidência e criticou aspectos peculiares da mesma cidade, opondo sua desigualdade em escala de hierarquia: os endinheirados governantes aparecem no início do soneto, onde, apesar de não saberem nem se governar, governam o mundo inteiro; trabalha no meio do soneto com as especulações, fofocas do povo e com a classe que então estava emergindo e substituindo a nobreza metropolitana – os mulatos, e se encaminhado para o fim, na última estrofe, o autor trabalha com os pobres que, segundo ele, são aqueles que “não furtam”.

No poema “Juízo anatómico da Bahia” (MATOS, 1933, p. 261), Gregório de Matos deixa bem clara sua reação negativa em relação à cidade da Bahia, criticando nas duas primeiras estrofes a falta de valores dos cidadãos, como a falta de vergonha e honra. Nas próximas seis estrofes o autor vai descrever e criticar a busca pelo enriquecimento, a ascensão

social de “pretos, mestiços e mulatos” assim como as corrupções e imperfeições da justiça, da qual ele também foi vítima.

Mas o autor não para com suas críticas. Ele denuncia os religiosos, o declínio do preço do açúcar e faz um diagnóstico da cidade da Bahia, tal qual um médico faz a um paciente que adoece rapidamente e morre, nas duas últimas linhas da décima segunda estrofe: “Cai na cama, o mal lhe cresce/ Baixou, subiu e morreu”:

Juízo anatômico da Bahia

Que falta nesta cidade?... Verdade
Que mais por sua desonra?... Honra
Falta mais que se lhe proponha?... Vergonha

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste rocrócio? ... Negócio.
Quem causa tal perdição? ... Ambição.
E o maior desta loucura? ... Uzura.

Notável dezaventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que o perdeu
Negócio, ambição, uzura.

Quem são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bem mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, mestiços, mulatos.

E que justiça a resguarda?... Bastarda
É grátis distribuída?... Vendida
Que tem, que a todos assusta?... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta. (...)

E nos frades há manqueiras?... Freiras.
Em que se ocupam os serões?... Sermões.
Não se ocupam em disputas?... Putas.

Com palavras dissolutas
Me concluí na verdade,

Que as lidas todas de um frade
São freiras, sermões e putas.

O açúcar já se acabou? ... Baixou.
E o dinheiro se extinguiu? ... Subiu.
Logo já convalesceu? ... Morreu.

À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece,
Cai na cama, o mal lhe cresce,
Baixou, subiu e morreu.

A Câmara não acode? ... Não pode.
Pois não tem todo o poder? ... Não quer.
É que o governo a convence? ... Não vence.

Quem haverá que tal pense,
Que uma Câmara tão nobre,
Por ver-se mísera e pobre,
Não pode, não quer, não vence. (MATOS, 1933, p. 261).

Diante da análise destes poemas de Gregório de Matos percebe-se quão grande foi a influência e a importância da crise açucareira e de suas transformações tanto na vida quanto nas obras do poeta e, com isso, pode-se considerar que o autor fora, ao mesmo tempo, participante e expectador privilegiado dessa crise. Participante, pois nascido na Bahia e de família burguesa, sofreu com os problemas financeiros trazidos por ela a ponto de arruinar-se; mas não foi somente a falta de dinheiro que o fez participar ativamente da crise, ele também se incomodou com outras coisas que aconteciam concomitantemente como, por exemplo, o abuso do poder do qual também foi vítima.

Expectador, pois, ao mesmo tempo em que sofre com a crise, Gregório de Matos vê a situação da sociedade baiana seiscentista mudando drástica e rapidamente. Esta, que na primeira metade do século era rica, nobre e desenvolvida, aparecia já no fim do século numa situação totalmente diferente e contrastante: empobrecia cada vez mais, seus negócios e negociantes diminuía, a prostituição aumentava assim como o excesso de tributação e a carestia de vida. E, para poder denunciar essas mudanças que tanto o incomodavam, Gregório de Matos usa seus poemas, criticando todos e tudo como forma de desabafo e não se importando com as consequências, mesmo que estas lhes trouxessem problemas, como ocorreu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste artigo foi mostrar a relação que existe entre a crise açucareira que se abatera sobre Portugal e suas colônias no século XVII e sua relação com os poemas de Gregório de Matos. Entretanto, é importante salientar que esse assunto não se esgotou neste trabalho, pois o mesmo está inserido num contexto maior de pesquisa para dissertação de mestrado que ainda está no início.

Mesmo assim, no decorrer do trabalho podemos notar que o século XVII, principalmente sua segunda metade, foi um período bastante peculiar tanto à metrópole quanto à colônia, pois ambas passaram por transformações importantes. Em Portugal ocorreu uma grave crise econômica resultante tanto de problemas na própria Europa quanto em suas colônias e na Bahia, por ser uma continuidade da metrópole, além da crise econômica, a cidade aparece como uma síntese da metrópole, com seu atraso, suas contradições e suas dificuldades.

Foi diante dessas dificuldades enfrentadas pela metrópole e suas colônias que Gregório de Matos viveu e, incomodado com a situação, escreveu suas obras satíricas, o que lhe rendeu o apelido de “Boca do inferno”. Entretanto, podemos considerar suas sátiras como uma posição “conservadora” do poeta, não só por seus contatos literários, mas também, como nos fica claro, pela situação de mudança não só econômica, mas também por sua indignação diante de tudo que pudesse “degenerar os valores da sociedade da corte” (BOSI, 1992, p. 106) da qual ele fazia parte.

Portanto, tomando por base a sua realidade, Gregório de Matos redimensionou e a descreveu de uma forma peculiar, o que nos permitiu verificar com riqueza de detalhes qual era a situação em que se encontrava a sociedade baiana como um todo, no período da crise econômica que se abatera no século XVII, assim como a relação entre esta e a metrópole do mesmo período.

FONTES DOCUMENTAIS

MATTOS, Gregório de. *Obras de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1933.

MATOS, Gregório de. *Obras completas: Crônica do viver baiano seiscentista*. Bahia: Janaína, 1969.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fortunato de. *História de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *Épocas de Portugal Económico: Esboços de História*. 2ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4ª edição. SP: Companhia das Letras, 1992.
- CAETANO, Marcello. *O Conselho Ultramarino: Esboço de sua história*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967.
- CALMON, Pedro. *A vida espantosa de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- _____. *História da literatura bahiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- FERLINI, Vera Lúcia A. *Terra, trabalho e poder*. São Paulo: Brasiliense; 1988.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 18ª edição. São Paulo: Nacional, 1982.
- HOPEFAITH, Sereno. Três poesias de Gregório de Matos. *Usina de letras*. Disponível em [http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1123&cat=Roteiro de Filme ou No vela](http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=1123&cat=Roteiro_de_Filme_ou_No_vela). Acesso em 20/10/2011.
- PEREIRA, Marcos José Santos. Os versos satíricos de Gregório de Matos e Tobias Barreto: uma visão da sátira no barroco e no realismo. Aracajú: UNIT, 2007. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/os-versos-satiricos-de-gregorio-de-matos-e-tobias-barreto-uma-visao-do-barroco-e-do-realismo-no-brasil/1746>. Acesso em 22/10/2011.
- PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Matos: o poeta devorador*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.
- PIRES, Nuno Lemos. Guerra global portuguesa: a Restauração. In: *Revista de História das Idéias: A Guerra*. Vol. 30. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Idéias, 2009.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- RODRIGUES, Jerusa H. F. e SILVEIRA, Dionísio Pedro da. Sarcasmo em Gregório de Mattos e Guerra. *Revista Pro Homine Especial TCC – Unilavras*. Disponível em: <http://189.80.147.92/pesquisa/prohomine/tcc/artigos/2.pdf>. Acesso em 15/10/2011.
- SALLES, Fritz Teixeira de. *Poesia e protesto em Gregório de Matos*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- SCHWARTZ, Stuart B. (Org). *As excelências do governador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.